



**RESSIGNIFICAÇÕES NO ESPORTE ATRAVÉS DA PERFORMANCE DE TIFANNY
ABREU**

**RESSIGNIFICATIONS IN SPORTS THROUGH THE PERFORMANCE OF TIFANNY
ABREU**

**RESIGNIFICACIONES EN EL DEPORTE A TRAVÉS DEL PERFORMANCE DE
TIFANNY ABREU**

Rafael Marques Garcia¹
Erik Giuseppe Barbosa Pereira²

Resumo: O objetivo deste trabalho foi analisar o percurso da atleta trans de voleibol Tiffany Abreu, problematizando seu processo de resignificação no Esporte. A justificativa desta empreitada encontra guarida nas novas possibilidades de categorizações identitárias emergentes no fenômeno esportivo moderno. Este estudo de caso caracteriza-se como qualitativo e descritivo, utilizando uma entrevista com roteiro semiestruturado e duas reportagens, todas transcritas e analisadas através da técnica de análise de conteúdo. Pudemos inferir que a trajetória da atleta se encontra enveredada em obstáculos árduos, porém por ela subvertidos, que inquietam os sentidos e significados do campo esportivo, ainda robustecido por paradigmas heteronormativos.

Palavras-chave: Esporte; gênero; transexualidade; estudo de caso; Tiffany Abreu.

Abstract: The objective of this article was to analyze the course of volleyball trans athlete Tiffany Abreu, problematizing her process of resignification in Sport. The justification of this research is supported by the new possibilities of identity categorizations emerging in the modern sports phenomenon. This case study is characterized as qualitative and descriptive, using an interview with semi-structured script and two reports, all transcribed and analyzed through the technique of content analysis. We could infer that the trajectory of the athlete is based on

¹ Professor substituto na EEFD/UFRJ, onde leciona as disciplinas de História da Educação Física, Fundamentos do Voleibol e Gênero e Sexualidades na Educação Física e Esporte. Possui licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016) e atualmente cursa Mestrado em Educação Física pelo PPGEF/UFRJ. Interesse e afinidade estão voltados para as seguintes áreas: corpo, relações de gênero, sexualidades, esporte e sociedade. (rafa.mgarcia@hotmail.com)

² Professor adjunto da EEFD/UFRJ. Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte pela UERJ. Atuação e interesse estão relacionadas aos aspectos culturais, históricos e sociais das práticas corporais em seus diversos ambientes de intervenção. É líder do Grupo de Estudos em Corpo, Esporte e Sociedade, o GECOS e do Laboratório de Estudos Corpo, Esporte e Sociedade, o LAbCOESO. (egiuseppe@efed.ufrj.br)

arduous but subverted obstacles that disturb the senses and meanings of the sports field, still reinforced by heteronormative paradigms.

Key words: Sport; gender; transsexuality; case study; Tiffany Abreu.

Resumen: El objetivo de este trabajo fue analizar el recorrido de la atleta trans de voleibol Tiffany Abreu, problematizando su proceso de resignificación en el Deporte. La justificación de esta obra encuentra guarida en las nuevas posibilidades de categorizaciones identitarias emergentes en el fenómeno deportivo moderno. Este estudio de caso se caracteriza como cualitativo y descriptivo, utilizando una entrevista con guión semiestructurado y dos reportajes, todas transcritas y analizadas a través de la técnica de análisis de contenido. Se puede inferir que la trayectoria de la atleta se encuentra envuelta en obstáculos arduos, pero por ella subvertidos, y que inquietan los sentidos y significados del campo deportivo, aún robustecido por paradigmas heteronormativos.

Palabras clave: Deporte; género; transexualidad; estudio de caso; Tiffany Abreu.

1 INTRODUÇÃO

O esporte, enquanto fenômeno social moderno, é um campo ainda bastante normatizado(r) no que se refere às performances atléticas de corpos masculinos e femininos. Historicamente, sua construção, consolidação, manifestação e reprodução disseminam normas e valores muito bem demarcados e sistematizados. Reconhecido como espaço de reserva masculina, o esporte é um campo generificado(r), marcado por diferenças de gênero que (re)produzem desigualdades e que são reforçadas em função da ampla vivência e valorização da divisão binariamente hegemônica entre homem/mulher, masculino/feminino (GRESPLAN; GOELLNER, 2014).

Desta forma, a conformação anatômica define os sujeitos em recomendações e possibilidades, autorizando aos homens a aventura, potência, desafio e força, e às mulheres a aventura comedida, potência controlada, força equilibrada e desafio diminuto (GOELLNER, 2007). As normas vigentes na esfera esportiva constituem e possibilitam inclusões e exclusões conforme gêneros e performances, sempre através de uma conformidade e lógica heteronormativas.

Atualmente, e principalmente a partir dos anos de 2010, os debates sobre gênero, sexualidade, identidades sociais e sexuais vêm passando por um processo polvoroso de discussões e debates em cenário intercontinental. O esporte, não alheio, também foi palco consubstanciador da temática, sobretudo o voleibol brasileiro (ANJOS, 2015).

Em 2016, conforme matéria lançada pelo jornal *Estadão* (2016), o Comitê Olímpico Internacional alterou sua resolução sobre atletas transexuais para competirem em eventos oficiais. A partir de então, os homens podem participar sem qualquer restrição e as mulheres precisam apresentar quantidade de testosterona controlada, igual ou menor a 10 nanomol por litro (unidade de medida que sinaliza a quantidade da substância por litro de sangue) nos 12 meses anteriores à competição. Não é mais necessária a cirurgia de mudança de sexo. Já em 2017, a atleta de voleibol Tiffany Abreu destacou-se como a primeira brasileira trans³ ao atuar no alto rendimento da modalidade, defendendo a equipe feminina do *Golem Volley*, participante da Série A2 do Campeonato Italiano.

Um desabrochar de novos sentidos e significados é possibilitado pela presença de um corpo desviante, que não se enquadra nos modelos pré-estabelecidos e que parece não possuir classificação na prática esportiva. Esta corporalidade desviada, quando transita entre as polaridades esportivas e se insere no esporte moderno de ordem tradicional, possibilita a amplificação dos horizontes que versam sobre os limites de corpo, sua pluralidade e ambivalência. Ainda, permite-nos questionar o discurso biomédico que distingue e hierarquiza sujeitos em normais e patológicos e que é a base dos principais argumentos contra a presença/existência/reconhecimento das corporalidades *queer*.

Este conceito que delimitamos por corporalidade desviada sem, no entanto, limitá-lo parte do entendimento dos corpos enquanto principais meios de interação nas diversas esferas sociais, através de um processo denominado por Goellner (2010) de materialidade discursiva. Os corpos (no plural, pois não existe por si só um modelo único de corpo, a não ser aquele imputado por uma norma) atuam como arquétipos socioculturais, sendo atravessados por vários marcadores históricos e culturais que culminam neste processo, e sobretudo conferem significados simbólicos, normas e valores inter-relacionados que direcionam tais interações em variados âmbitos de múltiplas facetas, incluindo-se, portanto, o esporte (GOELLNER, 2007; 2010).

A partir deste entendimento, pensar uma corporalidade *queer* abrange incontáveis maneiras de como se dão os usos de corpos fora da norma e contextos sociais nos quais estão inseridos. Neste caso em específico, por estarmos tratando de correntes teóricas *queer*, adotamos estes preceitos para embasar nossos escritos. Os estudos *Queer* (EQ) abrangem discussões problematizadoras acerca da heterossexualidade enquanto único regime sociopolítico-cultural, utilizando-se da desconstrução discursiva que legitima apenas este modelo enquanto verdadeiro e/ou possível, denunciando assim como o gênero é regulado socialmente através de relações hierárquicas que conferem e sustentam privilégios a uns em detrimento de outros (MISKOLCI, 2009; 2012).

³ Termo utilizado como guarda-chuva para abarcar as variadas designações de gênero e sexualidades.

Bento (2014) propõe como tradução cultural idiossincrática ao conceito *queer* o termo “transviado/a”, sendo um discurso de crítica aos sistemas (hetero)normativos, que problematiza práticas sociais e sexuais que legitimam e reconhecem apenas determinados modelos de estar/expressar/viver em detrimento de outros. Ainda conforme a autora, esse discurso visa reconhecer o direito de existência das sexualidades não normativas, dos sujeitos binários e não binários, dos gays, das lésbicas, dos bissexuais, de transgêneros e de todo e qualquer desejo/conduita transgressivo daquilo que foi instituído e institucionalizado como normal/norma.

Sendo assim, traremos neste trabalho discussões sobre a inserção desta corporalidade *queer* através da materialização de seus signos, significados e simbologias na atleta de voleibol Tiffany Abreu. Até 2014, a jogadora ainda se autodenominava Rodrigo Pará, quando declarou sua atual identidade de gênero e manteve o apoio de colegas e do até então clube de atuação, a equipe holandesa *US Heren 1*.

A justificativa desta empreitada encontra guarida nas novas possibilidades de categorizações identitárias emergentes no fenômeno esportivo moderno, instigadas pelas novas diretrizes do COI e pela autorização da Federação Internacional de Voleibol (FIVB) concedida à atleta supracitada. Objetivamos, portanto, analisar o percurso da atleta trans de voleibol Tiffany Abreu, problematizando seu processo de resignificação no esporte.

2 METODOLOGIA

Este estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF/UFRJ), sendo o número do parecer 2.339.451 e o protocolo 245-17, grupo III. Para tanto, este estudo de caso se caracteriza como sendo descritivo e qualitativo (TRIVIÑOS, 2015). Stake (1998) afirma que o caso deve ter contornos claramente definidos no desenvolvimento do estudo. Para o autor, o caso pode ser similar a outros, embora ao mesmo distinto, pois tem interesse próprio e singular.

Trazemos descrições sobre o caso de Tiffany Abreu, que atualmente tornou-se um dos principais ícones esportivos trans do Brasil, principalmente após sua contratação e atuação pela equipe feminina do Vôlei Bauru/SP.

Como instrumento de coleta, utilizamos uma entrevista com roteiro semiestruturado (TRIVIÑOS, 2015) contendo doze perguntas que versavam sobre a infância, práticas corporais, físicas e esportivas, inserção no voleibol, relação com a família, com clubes, com colegas, com amigos e com a torcida, referentes a Tiffany Abreu. Em função da indisponibilidade de apresentar-se pessoalmente em função do calendário de jogos e treinos no momento da entrevista, a atleta concedeu seu depoimento via internet, utilizando conexão de vídeo através do software Skype, gravada pelo *Free Video Call Recorder for Skype*.

De posse da entrevista gravada, todo o material foi registrado para ser analisado através da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Para a autora, esse processo se

divide em três grandes etapas que se apresentam de maneira entrelaçada, isto é, admite idas e vindas de uma à outra durante o tratamento dos dados. São elas: 1 - a pré-análise; 2 - exploração do material; e 3 - tratamento e interpretação dos dados.

Na pré-análise, focamos o objeto e objetivos da pesquisa, escolhemos inicialmente o suporte de documentos e construímos preliminarmente os indicadores para a análise, definindo assim unidades de registro e contexto. Na exploração do material, referenciamos os índices e elaboramos os indicadores através de recortes e categorizações do texto, preparando o material para a exploração. Os escritos foram desmembrados em unidades e reagrupados por categorias após uma análise classificatória posterior. No tratamento e interpretação dos dados, interpretamos os dados brutos, estabelecendo grupos de resultados, relevando as principais informações fornecidas pelas análises através de abordagens qualitativas e inferências significativas.

O processo de categorização seguiu duas etapas, conforme Minayo (1998): a primeira, de ordem analítica, foi delimitada através do estabelecimento de palavras-chave, que atuaram como pilares para as reflexões conceituais. Na segunda, de ordem empírica, delimitamos categorias de seleção, organização e sistematização de nossas interpretações, enriquecendo nossas análises com dados presentes na literatura científica.

Desta forma, ordenamos nossos achados em cinco categorias conforme sua relevância quali-quantitativa no discurso da atleta, isto é, pela quantidade de vezes e riqueza de detalhes com as quais foram vislumbrados. A seguir, encontram-se as seguintes categorizações, bem como suas respectivas discussões: a- Relações pessoais e familiares; b- O percurso esportivo; c- *Homotransfobia*; d- Uso do vestiário; e e- Retorno e performance no Brasil.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Relações pessoais e familiares

Nas entrevistas e reportagens, Tiffany deixa bem claro como gosta de ser tratada: através do uso de pronomes femininos. Atualmente diz se reconhecer como uma mulher transexual. Ela revela que desde pequena se sentia uma menina: *“Aí, eu sempre fui menina. Aí, eu lembro que eu ia pra escola; aí eu ficava apaixonada nos cabelos das meninas porque eu queria ter igual”*. No entanto, relata que só após o uso de hormônios é que seu corpo reagiu fisiologicamente como tal, processo este ocorrido na Europa.

Tiffany sempre sonhou em ter sua casa própria, ser autossuficiente financeiramente e fazer os procedimentos para mudança de sexo: *“Aí, pra falar a verdade, eu antes já sonhava em ganhar na Mega-Sena, mudar de casa, fazer uma operação de sexo [...] virar a mulher completa, chegar lá em casa já transformada, já. Ia ter muito dinheiro, ninguém ia falar nada!”*. Para a atleta, o fato de possuir dinheiro para poder arcar com os próprios custos a preservaria de quaisquer comentários acerca de suas ações envolvendo seu sexo. Esse

pensamento pode ser desencadeado pela maior inclinação de transexuais às situações de extrema vulnerabilidade social (BENTO, 2011; 2014).

Para a atleta, o esporte neste processo foi fundamental, tendo em vista que após sua ascensão profissional e combate à homofobia e transfobia, os rótulos pejorativos que sempre lhe recaíam foram substituídos por mérito e reconhecimento: *“É, as pessoas ficavam: ‘gayzinho, viadinho, é isso, aquilo outro’. Então, quando você é [gesto de aspas] importante na sociedade, as pessoas já não te rotulam tanto como isso [...]. Então, quando você é mais conhecido, não tem tanto rótulo. Então eu decidi: vou ser um bom jogador porque já não vão me chamar de [gesto de aspas] gayzinho, vão me chamar ‘o jogador’ [aos berros] [...] primeiro eu tive que vencer a barreira do preconceito homossexual pra depois vencer a barreira do transexualismo, que era maior.”*

Para além do esporte, o estilo de vida social também foi fator determinante em seu processo de resignificação. Ela revela que sempre foi apaixonada por homens heterossexuais, sofrendo por não ser correspondida emocionalmente, uma vez que eles não a reconheciam como mulher: *“Porque assim, ó, eu sempre me apaixonei por hétero [risos]. Eu não aguentava mais essa vida [risos] [...] ‘não posso ver um homem bonito na rua, um hétero, que eu fico doida e eu sei que eu não posso ficar com ele porque eu sei que eu não sou mulher, e ele não vai querer ficar comigo’. Primeiro que eu sou um macho barbudo, mas depois tudo mudou. Depois que eu comecei a tomar hormônio e me transformar [...] eles chegam em mim, conversam comigo, me tratam que nem mulher porque eu sou uma mulher hoje em dia e tô feliz assim.”*

Este processo não foi tão fácil. Registrada como Rodrigo no Nascimento, cresceu na pequena cidade de Conceição do Araguaia, município pequeno na divisa de Pará com Tocantins, até os 13 anos, mudando-se em seguida para Goiânia. Ela revela que, nessa fase, demonstrava-se receosa em revelar sua identidade para a família e grupos sociais; no entanto, decidiu fazê-lo em prol de sua felicidade. Ela pensava *“[...] a minha família não vai me aceitar, meus amigos não vão me aceitar, o vôlei muito menos vai me aceitar – falei assim, ‘mas o que importa é que eu vou ser feliz’. Só que na minha cabeça era isso, eu larguei, o vôlei me aceitou, meus amigos me aceitaram, minha família me aceitou...”*

Após suas declarações, diz ter fortalecido os laços familiares: *“[...] meus irmãos, uns homens maravilhosos. Eu, pra eles, eu sou uma mulher; me chamam de mulher 24 horas, me respeitam como mulher. Quando eu era gay, eu tinha até medo de falar que eu tinha namorado – quando eu tinha, né? –, porque nunca tive muito. Mas, depois de trans, é tudo normal eu apresentar namorado a eles, apresentar à família o namorado, a família aceitar meu namorado e tratar a pão de ló também.”*

No seio familiar, a pessoa com maior proximidade e presença foi sua irmã. A atleta não esconde a emoção ao relatar tamanho apreço: *“[...] eu tenho uma, um relacionamento com ela muito lindo [emocionada, olhos lacrimejando, fala empastada], é a minha irmã, minha família;*

comigo ela é maravilhosa, minha família toda me aceita, me ama de paixão, minha irmã me protege, me ama e ela fica doida se alguém me chamar de ele, se alguém me chamar do nome antigo, [risos] porque pra ela eu sou uma menina como ela é uma menina também.”

O apoio familiar é de fundamental importância nesses casos, entretanto dificilmente encontramos relatos positivos envolvendo transexuais e suas famílias. Situações envolvendo a temática por vezes deflagram a ruptura dos laços emocionais entre os membros familiares, além dos sentimentos de medo e rejeição por parte dos sujeitos transexuais (BENTO, 2011).

Já nos grupos sociais, Tiffany sentiu-se apreensiva com a violência nas ruas, mas, sempre acompanhada de seus colegas de equipe, encorajou-se e passou a deixar os cabelos crescerem até colocar sua primeira extensão capilar: *“No início eu tinha esse, porque quando você tá começando fica: ai! o que o povo vai falar na rua, vão me jogar pedra, não vão, vão me cuspir, não vão, todas essas coisas. Aí no vôlei o quê que vai falar [...]. Então eu falei assim, foi indo, foi aos poucos, foi quando eu deixei meu cabelo crescer mais, coloquei minha primeira extensão.”*

Nesse decurso, ampliou o relacionamento com os membros da equipe. No entanto, seu desempenho subtraíu-se ao descompasso das cobranças, que aumentaram. Em função do uso de hormônios específicos para sua transição, Tiffany teve uma redução da força explosiva e de sua impulsão, o que, segundo ela, também ocorreu devido à sua idade: *“Há! gente, meu técnico fica o tempo todo: ‘Tiffany, vai pra academia, vai malhar pra você voltar a pular como você pulava antes, atacar como atacava antes.’ Primeiro que eu tô velha... [risos] primeiro, que eu tô velha; segundo, que eu tô cheia de hormônio pra tudo que é lado do corpo – eu vou pular como? [risos].”*

Após sua mamoplastia, teve muitas dores e um processo adaptativo árduo, mas readequou-se à forma de jogar e seguiu firme em sua trajetória. Ao longo dessa nova fase, é possível perceber que Tiffany, em momento algum, reconhece-se como pessoa transviada, mas sim como uma mulher trans. Para problematizar o dispositivo da transexualidade (BENTO, 2014), partimos do pressuposto de que, ainda que desconheça ou não se identifique como *queer*, a sua expressividade corporal por si só delata discursos contrários à heteronorma, uma vez que a transexualidade é – ao mesmo tempo que não é – contemplada por uma condição *queer*.

A designação “*queer*”, por sua vez, é para quem não se identifica – ou se desidentifica – com o sexo, com a orientação, com o gênero que lhe foi atribuído socialmente ou, ainda, prefere, simplesmente, não ter uma identificação ou identidade fixa. [...] *Queer* engloba a todos e ao mesmo tempo não engloba ninguém! (CAMARGO, 2017, s/p).

Inspirados por Camargo (2017), não queremos, desta forma, imputar a Tiffany uma categorização *queer* ou transviada, mas sim colher do usufruto que sua (des)identificação confere ao esporte. Nessas vias é que trazemos tais arcabouços teóricos, através de um viés pós-

estruturalista das identificações, vivências e expressões das incontáveis categorias de gênero e sexualidades.

Neste caso, pautamo-nos nos significados daí apreendidos: trata-se de um corpo transviado que pode assumir identificação “estranha”. Pode ser masculino, feminino ou nada disso. Esse corpo tem sexualidades e significados infinitamente fluidos. Instável, pois não se pode concebê-lo de maneira encaixotada e reducionista. Por isso é “estranho”, abjeto, controverso, diverso, desviante, divergente, insurgente. Ao mesmo tempo em que é tudo, não é nada. Quanto mais o sujeito se aproxima dos signos identitários sexuais, mais à vontade a pessoa se sente com o próprio corpo. Tiffany, então, é por nós interpretada como um eco, uma multiplicidade de discursos e simbologias materializados pela sua expressividade nas terras em que se aventura.

3.2 O percurso esportivo

Tiffany sempre praticou muita atividade física. Na infância, ela revela que sempre jogou de tudo, inclusive nas aulas de educação física escolar. Acompanhada da irmã, esteve sempre presente no futebol, no basquete e nas demais brincadeiras escolares sem qualquer represália: *“Aí, eu sempre fui uma criança normal, assim, eu brincava de tudo. Eu brincava com os meninos, eu brincava com as meninas; eu nunca fui aquela pessoa de ter medo de fazer as coisas [suspiro] porque também minha irmã também brincava [...] eu não tinha essa de que isso é pra homem e isso é pra mulher. Eu achava gostoso, eu tava no meio.”*

Tiffany ainda alega possuir uma genética boa para o esporte, afinal sempre foi competente nas modalidades que disputava: *“Eu sempre tive uma genética muito boa da família para o esporte, sabe? Então, em todos os esportes que eu praticava eu era bom, jogava bem, mas quando eu senti que não era pra mim, que eu senti que eu era muito feminina praquela esporte, então eu acabei indo pro vôlei, que era onde tinha mais jogadores, entendeu?, mais pessoas em quem eu podia confiar. Foi quando eu fui pro vôlei, com 17 anos.”*

Segundo Coelho (2009), o voleibol se apresenta como um espaço constituído de sociabilidade feminina e homoerótica, favorecendo a manifestação de masculinidades alternativas ao permitir deslocamentos e transitividades entre o que se considera masculino e feminino: no senso comum, “[...] o voleibol é enquadrado como um esporte de homossexuais, um esporte de bicha (ANJOS, 2015, p. 21).”

No Brasil existe a predominância, no imaginário social, de que o voleibol seja considerado modalidade feminina em função do número elevado de mulheres que, historicamente, atuaram dentro e fora das quadras e nas torcidas, onde a presença e o engajamento do público feminino são relativamente maiores quando comparados a outros cenários. Outro fato que contribui para esse pensamento é a inserção do voleibol nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, que contou com a primeira participação de ambos os naipes,

gravando-o como a primeira modalidade coletiva e olímpica a possibilitar atuação de homens e mulheres (COELHO, 2009).

Ainda conforme a autora, é no voleibol que mulheres e homossexuais encontram possibilidades de firmarem raízes em função de novas sociabilidades esportivas. O voleibol atua como antagonista direto do futebol, onde tornaram-se comum exclusões e represálias a todo/a aquele/a que não representa a construção, vivência e exacerbação da masculinidade clássica nesse espaço (COELHO, 2009).

Para além disso, o voleibol brasileiro apresenta dois casos que muito repercutiram nas mídias envolvendo atletas profissionais que se declararam homossexuais. O primeiro deles foi Lilico, que em 2000 concedeu entrevistas afirmando não ser convocado para a seleção principal por ser declaradamente gay. O segundo é Michael, que em 2011 foi hostilizado pela torcida adversária durante a partida da semifinal da Superliga 2010/2011.

Mais atualmente, temos o caso de Tiffany, que desde o começo de 2017, quando passou a defender a equipe italiana *Golem Volley*, atraiu a atenção das mídias brasileiras, retroalimentando ainda mais as discussões sobre o terreno fértil do voleibol, que propicia a desterritorialização das convenções esportivas, a experenciação das corporalidades alternativas, os deslocamentos de saberes até então inquestionáveis e a ampliação de horizontes das práticas físicas e corporais.

Quando se inseriu no voleibol, Tiffany, ainda Rodrigo, foi desacreditada pelo fato de performar-se muito feminina. Constantemente ouviu que não iria para frente por ser muito desviante e inserida tardiamente na modalidade: *“Comecei bem tarde, então ninguém acreditava em mim na verdade, que era bem feminina primeiro [risos]. Que eu era bem feminina, tinha a passada da Virna, era garota, então o pessoal falava: ‘não, primeiro, que não vai pra frente porque era viado’, sabe como é que é no Brasil, né? ‘Primeiramente, que é viado; segundo, que tá começando muito tarde.’”*

Tal discurso corrobora com a assertiva de que o mundo esportivo, bem como seus gestores e atores, ainda é muito refém de padrões sexistas e excludentes referentes ao binarismo masculino e feminino, vindo a desprezar as demais corporalidades que aí emergem, não tendo, portanto, espaço de reconhecimento (CAMARGO; KESSLER, 2017).

Tais negações, no entanto, motivaram Tiffany a permanecer com sua trajetória, onde alcançou o patamar do profissionalismo. Nessa caminhada, indica que alguns dos talentos e promessas esportivos sequer saíram das categorias de base, e os que conseguiram não chegaram ao mesmo nível de mérito que o seu: *“Bom, cheguei aonde os que eram pra chegar não chegaram. Porque quando eu comecei tinha uns meninos que eram top do clube – da cidade de Goiânia, né? – quando eu comecei já era Goiânia, eu tinha voltado à Goiânia com 13 anos. Então, os meninos que eram top da seleção que todo mundo falava ‘esses vão ser jogadores’,*

nenhum chegou aonde eu cheguei [pausa]. Mais pela minha motivação, né?, interior, e a minha vontade”.

Seu processo de manutenção no voleibol enfrentou adversidades decorrentes de sua sexualidade. Tiffany teve de combater, inicialmente, seu lado feminino durante o jogo. Embora sempre focada, outros intervenientes ainda se apresentavam, como seu porte físico – magra e não tão alta para o naípe masculino – e sua performatividade de gênero dentro das quadras, que dissociava o sexo e gênero da atleta: *“Então, eu, no início, era muito feminina jogando, então eu tive que combater isso primeiro. Eu tive que combater minha parte feminina, minha passada, todas essas coisas. Então, depois, eu fui indo, mas fora de quadra eu sempre fui feminina, brincalhona, e todo mundo percebia e, então, ninguém dava muita atenção, e também eu era pequenininha, né?, não sou tão alta perto dos meninos, aqueles ‘brutamontes’, ‘negão’ de 2,05m, cê tá doida! [risos]. Ninguém vai dar nada pra uma menina igual eu, magrinha e pequenininha [risos].”*

A performatividade de gênero pode ser compreendida conforme a proposta de Butler (2015a). Para a autora, os gêneros se fazem performativos à medida que repetem de forma estilizada atos, gestos, ações, condutas, corporalidades e movimentos corporais atravessados por discursos disciplinares e punitivos da sexualidade humana, com o intuito de produzir sujeitos normatizados em masculino e feminino de acordo com a matriz naturalizadora e coerente entre sexo/gênero/desejo: grosso modo, a heteronormatividade. Butler admite nesse processo a iterabilidade, ressaltando o caráter falho da reprodução fidedigna das normas. Dessa forma, possibilitam-se rupturas em contextos e condições variadas, além de alterar signos, deslocar sentidos, normatizações e favorecer a emersão de novas pluralidades performatizadoras. As decorrências da performatividade de gênero são inesperadas, uma vez que a possibilidade de insucesso se torna inerente aos corpos performativos, podendo ser ou não (re)produtiva, reiterada ou deslocada, sendo, por fim, passível de subversões, propiciando justamente a própria resignificação de corpos, gêneros e sexualidades (BUTLER, 2015b).

Ainda conforme Butler (2015a), essa noção de performatividade encontra-se amparada pela teoria dos atos de fala. Nesta, os atos sociais que recaem sobre corpos se dividem em dois, sendo: 1- referente aos enunciados constantes, aqueles que circunscrevem um fato, uma situação; e; 2- referente aos performativos, aqueles que, ao serem declamados, (re)produzem normas e convenções, reiteram aquilo que anunciam. Esse embasamento permite-nos desvelar um discurso generificado e generificador que recai sobre os corpos, adotando-se necessariamente uma posição de gênero, isto é, um corpo se marca e se configura pelo próprio conceito de gênero através de uma ordem social maior, identificada como heteronormatividade.

O conceito de heteronormatividade refere-se à normatização e/ou normalização do conjunto social a partir do entendimento e reconhecimento da heterossexualidade enquanto modelo natural e único possível de identidade e orientação sexual, que controla e regula a

biopolítica social através da imposição e fiscalização de corpos em um suposto binarismo sexual em todas as esferas e instâncias sociais (WARNER, 1993).

Por tais vias, Butler (2015a; b) percebe e reconhece a distinção sexo/gênero enquanto efeitos de discursos, admitindo ainda que essas nomeações implicam, indubitavelmente, o estabelecimento de fronteiras e a repetição de normas limítrofes para demarcar espaços, territórios e atos permitidos ou não para cada ator/atriz social, identificando o caráter compulsório da heteronormatividade.

Dessa forma, podemos afirmar que a performatividade de Tiffany, enquanto atuante no naipe masculino, propicia deslocamentos nos sentidos e significados do esporte, uma vez que desarticula signos e simbologias esperados do atleta masculino. Atuar de maneira “feminina”, naquele contexto, parecia invisibilizar todo o potencial da atleta, que precisava comprovar, ainda que de maneira não tão convincente, certo grau de masculinidade. A ausência, ou ainda a participação secundária dos atributos masculinizantes, despertava uma inaptidão na ascensão de sua carreira esportiva. Segundo Tamagne (2013), esse coeficiente denomina-se a partir do entendimento de que atletas homossexuais possuem virilidade ínfima, rara, insuficiente, não correspondente aos níveis mínimos que são exigidos para o universo esportivo.

A heteronormatividade circunscrita no terreno esportivo silencia e não reconhece corpos que se materializam a partir de performatividades desviantes, configurando assim um movimento desafiador de resistência por parte do público desviado das estruturas normativas impostas no esporte.

Tiffany, quando Rodrigo, atuou nos anos de 2007 e 2008 por Foz do Iguaçu, onde conseguiu destaque ao disputar a Superliga nacional. Em 2008, foi atuar na liga de Portugal, onde impulsionou sua carreira. Em 2009 transferiu-se para a Espanha; depois, França em 2010; retornou a Portugal e foi para a Indonésia. Neste último país, no entanto, já estava cansada de jogar voleibol. Seu desejo maior era tornar-se uma mulher, processo, segundo ela, já tardio: *“Foi quando eu já estava chegando numa idade que eu falei que essa idade pra mim já estava ficando tarde pra virar trans, e eu tinha que decidir um rumo na minha vida, que só jogar vôlei e viver o que eu estava vivendo já não estava certo; eu já sentia falta de um relacionamento, sentia falta de um amor, sentia falta de ser eu mesma. Então decidi vir pra Bélgica, e, quando terminasse a Bélgica, eu já ficar na Europa e já começar a minha transformação aqui mesmo.”*

Sua transferência para a Bélgica ocorreu em 2012, onde, após apaixonar-se por um jogador, deu início à sua transição. Agora definitivamente Tiffany, atuou na Holanda e retornou à Bélgica, onde permaneceu até 2016 defendendo uma equipe masculina da terceira divisão, que conseguiu acesso à segunda na competição local. Nesse momento de sua vida, declara ter feito todo o tratamento hormonal recomendado.

Paralelamente, a atleta também participou dos torneios gays europeus, incluindo *Eurogames* e *Gay Games*. Diz ser muito conhecida e glorificada como rainha pelos demais

homossexuais, mas, segundo ela, isso só ocorre devido ao seu talento: *“Assim, os torneios gays que tem aqui na Europa... tem os torneios gays, depois tem o europeu. Então eu participo geralmente dos principais torneios gays [...] já sou muito conhecida na parte gay, então os gays do vôlei aqui já me intitulam como a queen [...] porque eu jogo bem, né? Então eles acabam me vendo como uma rainha, mesmo, deles [...] e geralmente, nos torneios, ou eu sou a MVP ou sou a rainha do torneio.”*

No período da entrevista, Tiffany ainda atuava na Bélgica entre homens. Quando questionada sobre sua vontade de jogar entre as mulheres, ela foi enfática ao dizer que, de início, nunca cogitou essa ideia por ser impossível, mas quando um empresário lhe disse que poderia ajudar nesse processo, a atleta passou a repensar na possibilidade: *“Era uma coisa que eu não cogitava porque, assim, eu nem sabia que eu podia jogar [...] um empresário falou assim: ‘Claro que você pode jogar com as mulheres, porque se você quiser eu posso te ajudar.’ Então eu penso: eu gosto de jogar vôlei, eu tenho oportunidade de jogar no feminino, pra eu jogar no feminino eu vou ter que jogar de high level novamente, porque queira ou não eu continuo sendo uma boa jogadora”.*

Tiffany ainda disse não se preocupar com as críticas que daí poderiam surgir. Segundo ela, lidar com críticas é corriqueiro em sua vida; além disso, precisa pensar em seu lado financeiro e oportunidades na carreira: *“Se eu posso jogar no feminino, ganhar meu dinheiro, ter minha vida de novo, vou receber crítica, como já recebi no masculino, vai ter gente que não aceita [...] Eu vou onde tá me pagando. Eu vou fazer meu trabalho onde tá sendo pedido. Sabe, sim, se der a oportunidade de eu ir pro feminino, eu vou [...]”*

Ao ser contratada em 2017 pela equipe Vôlei Bauru/SP, do interior paulista, a atleta se destacou dentro das quadras pela habilidade, mas também fora delas pelas discussões, descentramentos e reflexões que promoveu e vem promovendo no esporte de modo geral. Vigarello (2013) afirma que a metamorfose corpórea põe em xeque as normas de gênero que regem o esporte num processo denominado como feminização da virilidade e masculinização da delicadeza, abrindo portas para a reinvenção das tradições e diversidades, bem como sua inserção nesse cenário. Assim, as diversas nuances presentes na esfera esportiva possibilitam reflexões sobre a forma como elas são categorizadas – geralmente devido às diferenças fisiológicas convencionadas por gênero –, o que permitiria a transição de Tiffany do vôlei masculino para o feminino e vice-versa.

3.3 Homotransfobia

Em consonância com nosso aporte teórico, estabelecemos o termo *homotransfobia* para designar as ações recriminatórias, discriminatórias e ridicularizantes que foram e são direcionadas a Tiffany ao longo de sua história pessoal e esportiva.

O esporte como campo de prática social é um espaço de constante imposição de saberes e poderes que instituem padrões aos corpos quanto à aparência, sexualidades e representações de gênero. Inspirados por Bento (2014), entendemos os processos *homotransfóbicos* como oriundos de um mecanismo denominado heterossexualidade compulsória, um dispositivo de proteção desencadeado pela ordem social e política com o intuito de manter e sustentar a heterossexualidade como padrão sob as diversas corporalidades e sexualidades.

Tiffany afirma nunca ter sofrido nenhuma agressão de qualquer fonte enquanto esteve na Europa. Ela diz que as pessoas, inclusive as crianças, são respeitadas e sempre a tratam como mulher dentro e fora das quadras: *“É uma educação das crianças que eu não sei de onde sai, viu? Mas as crianças aqui te respeitam como tu és.”*

A atleta chega a citar que após as partidas sempre existem brincadeiras entre os atletas das equipes, mas nenhuma delas apresenta cunho fóbico quanto aos gêneros e sexualidades. Tiffany ainda se manifesta acerca de dois casos que encabeçaram manchetes sobre a temática: Lilico e Michael.

De forma enfática, comenta sobre o corte da seleção brasileira sofrido por Lilico: *“[...] foi uma palhaçada muito triste, que o Lilico realmente foi cortado da seleção por ser gay.”* Para ela, o fato de o atleta ser declaradamente homossexual comprometia a forma como ele era socialmente avaliado, o que lhe rendia o rótulo de *“O jogador Lilico, número tal do Brasil, gay... Eles vão sempre colocar a parte de gay que é pra poder definir a pessoa como gay. E eu acho que não tem necessidade. Então, por isso que a seleção também cortou. E eu acho que a seleção fez errado com isso também.”*

Já no caso Michael, Tiffany diz que o atleta não deveria ter dado ouvidos à torcida, pois o papel dela era justamente desestabilizá-lo. Tiffany naturaliza que homossexuais escutam xingamentos das arquibancadas no Brasil, mas que isso não passa de uma tentativa de desestabilizar o atleta durante a partida: *“O caso da Michael, todo jogo que a gente ia, a gente escutava piada [...] o Michael, enquanto ele estava jogando, a torcida fala o que quer. Um moreno vai escutar ‘que negão, ô, azulão!’; a gordinha é: ‘gorda, errou!’ Dentro do jogo eles vão falar o que querem, Só não dá atenção [...] você, quando é um jogador, tem que aprender a lidar com isso. Já o contrário, você saiu do jogo, esse mesmo cara que te chamou de viado vai vir pedir pra tirar uma foto com você porque ele vai te respeitar como profissional. Isso a torcida também tem que levar em conta, que torcer é uma coisa e ser profissional é outra. E ser fã é outra. Isso acontece em todos os jogos.”*

No que concerne à sua participação, Tiffany afirma nunca ter ouvido nenhuma injúria ou ofensa a ela direcionada pelas torcidas europeias: *“Eu nunca ouvi em nenhum jogo ‘Transexual! Viado!’”*. Ainda que chegasse a ouvir tais assujeitamentos, Tiffany diz que não se importaria, porque para ela o papel da torcida é provocar e tentar desestabilizar o jogador: *“[...]*

a torcida, o que vem deles não se escreve, né?, o que vem deles, só vem o lixo. A torcida só vai mandar lixo pro seu lado. E você, quando é um jogador, tem que aprender a lidar com isso.”

O comentário acima, aliado ao discurso da atleta sobre Michael, torna-se emblemático à medida que Tiffany respalda discursos de cunho pejorativo, homofóbico e preconceituoso. Percebe-se uma não problematização de sua personificação no campo esportivo, o que enfraquece os ideais sociais de aceitação e reconhecimento almejados por Tiffany. Ou, outra interpretação possível, direciona para a naturalização desses preconceitos no esporte, como se fosse algo dado, inato desse fenômeno, devendo o/a atleta que ele desafiar lidar com suas coibições, que validam e são validadas sob tais preconceitos. Conforme Camargo (2017, s/p), “as camadas de opressão que se sobrepõem aos sujeitos (e sobre nós mesmos) nos momentos dessa manifestação do torcer [...] se sobrepõem e “pioram” o preconceito do senso comum.”

Nesses cenários, o máximo que chega a ocorrer é um estranhamento das crianças, que ficam confusas ao ver uma mulher em meio aos homens, bem como expressões de surpresa por parte da torcida: “[...] as crianças, quando me veem jogando com os homens, elas ficam assim [expressão de dúvida].” Essas dúvidas ocorrem em função da criação de uma identidade social que não é facilmente identificada como masculina ou feminina, promovendo a desnaturalização dos gêneros e a multiplicidade de conceitos que versam sobre corpo no espaço esportivo.

Por fim, Tiffany afirma que não aceitaria o mesmo tipo de conduta fora das quadras: “*É assim, eu não posso dar intimidade pra torcida, eu acho que dentro do jogo a torcida fala o que quer; fora do jogo, já me respeite. Dentro de quadra eles podem me chamar de trans, de gay, de sapatão, de lésbica, de gorda, de magra, de preta, de azul, de amarela, do que eles quiserem, porque eles estão tentando tirar minha atenção do jogo. Mas, fora de quadra, eles devem me respeitar como Tiffany, como mulher transexual, como mulher!*”

Os estudos que se debruçam sobre a homofobia no esporte geralmente exploram como ela é desencadeada através das modalidades tanto dentro do campo/quadra como na torcida e também fora dela. Anderson (2005) afirma que a homofobia está institucionalizada no esporte em função dos discursos que se estabeleceram para construí-lo, isto é, pautados no modelo de masculinidade clássica que privilegia a participação dos “homens com H maiúsculo”. Neste imaginário, a homossexualidade masculina direcionaria aos atletas gays desqualificações físicas e emocionais, culminando no desmerecimento de permanecer e pertencer no templo das práticas esportivas (TAMAGNE, 2013).

À luz de Rosa (2010), a homofobia no espaço esportivo pode ser compreendida como um mecanismo desencadeado pela desterritorialização que a presença de sujeitos desviantes promove nesse meio institucional. Dessa forma, ela atuaria como importante policiador da sexualidade e corporalidade de atletas, garantindo a manutenção dos moldes clássicos de masculinidade e feminilidade através do acionamento do medo, da repulsa, do ódio e da hostilidade, qualificando o outro como estranho, anormal, abjeto e indigno de pertencimento.

Grespan e Goellner (2014) apontam outra repulsa, a transfobia, que, em suma, mantém a mesma linearidade da supracitada: aversão e repugnância àqueles/as que subvertem as normalizações de gênero e de sexualidades *cis*⁴. Logo, “a homofobia e a transfobia são facilmente referidas em situações nas quais a linearidade corpo, gênero, sexo e desejo é desconstruída, seja no campo do esporte, seja fora dele” (p. 1279).

Compreender as manifestações *homotransfóbicas* no esporte é um exercício complexo que demanda inúmeros fatores semânticos e polissêmicos. Cabe-nos refletir, portanto, que a institucionalização e naturalização de processos discriminatórios nos espaços esportivos encontram-se próximas a outras formas de preconceito e agressividades morais e físicas que irrompem nesses territórios. Entender como esses processos se legitimam é fundamental para assim vislumbrar novas formas de interpretar essas ocorrências enquanto fenômenos sociais mais amplos e presentes em outras camadas que não apenas às referentes ao esporte.

3.4 Uso do vestiário

Este aspecto chamou-nos a atenção devido ao processo final de transição de Tiffany durante a entrevista. Segundo ela, tanto o masculino como o feminino lhe serviam; no entanto, ressaltou a preferência em adentrar no masculino, desde que não mostrasse seu corpo aos demais companheiros: “[...] *eu posso ir tanto no masculino tanto no feminino. Eu prefiro ainda ir no masculino, como eles, desde que eu não mostre meu corpo.*” Essa questão de respeito moral sobre o sexo e uso público/privado do corpo encontra-se entrelaçada ao moralismo social, em que, mais uma vez, Tiffany naturaliza dogmas e doutrinas disciplinares e punitivas que incidem sobre os corpos, conforme se pode evidenciar pela fala: “[...] *a gente, mulher, já dá esse respeito pra gente mesmo, a gente não quer... ‘Ah, mas ela estava no banheiro, dentro do vestiário com aquele monte de homem pelado?’ Não falar ‘Ah, a bicha é puta! Aquela mulher ali, sem vergonha! Ela tá lá no meio do banheiro lá fazendo orgia com os homens.’ Porque o pessoal vai falar, você sabe que vai.*” A atleta diz que na Europa se sente segura para fazer isso, pois seus colegas aceitam sem problema algum, o que se especula não ocorrer no Brasil: “*Ah, no Brasil eles me estuprariam dentro do banheiro, você sabe.*”

Essa problemática, contudo, antecede aspectos culturais e geográficos, advindo da forma como os banheiros e vestiários são engendrados. Através da distinção por sexo, firma-se o conceito de isolamento público e privado entre homens e mulheres, de modo que o espaço destinado a estas seja um templo da feminilidade, enquanto que o dos primeiros é o local público para descarrego e/ou manifestação de sua natureza máscula e hegemônica. Dessa forma, o vestiário atua como regulador de corpos e fabricante de subjetividades concernentes ao mundo heterossexual (CAMARGO, 2014).

⁴ Termo comumente utilizado para a pessoa que se identifica com o sexo designado no seu nascimento.

O autor ainda destaca que esse recinto é heteroarquitetado, onde os corpos encontram-se mais expostos ao olhar alheio sob óticas limítrofes. Esse espaço reservado assemelha-se ao privado e àquilo que deve manter-se sob sigilo, logo um “lugar de fetiche – algo ligado ao desejo –, fantasias, imaginação, potencialidade de encontro” (CAMARGO, 2014, p. 65), mas que dificilmente saem do campo das fantasias do olhar/imaginar e se materializam pelo fazer/agir (ANDERSON, 2005).

De toda forma, Tiffany demonstra certa insegurança na medida em que não consegue usufruir do espaço da mesma maneira – ou de outras desejáveis – que seus colegas, carregando ainda um misto de dúvidas quanto ao assédio que porventura venha a ocorrer através da relação fantasia/materialização impulsionada pelo espaço reservado do vestiário.

Griffin (2011) aponta a necessidade de oferta de vestiários alternativos aos convencionais em função das necessidades dos atletas, oferecendo acomodações privativas para troca de roupa, banho etc., sem o medo de atenção sexual oriundo de dogmas religiosos, modéstia, timidez e outros fatores. Isso não supõe necessariamente a criação de um “terceiro” vestiário, mas sim a reflexão sobre como esse espaço vem se constituindo enquanto dispositivo heteronormativo e sexista, possibilitando a sua resignificação tanto simbólica quanto arquitetônica para ser utilizado por pessoas, que é sua principal finalidade.

Os resultados relativos a esse aspecto analítico apontam para o uso do vestiário durante o processo final de transição de gênero da atleta. Destarte, urge problematizar como essas incertezas se manifestam pós-transição e contratação de Tiffany pela equipe feminina do Vôlei Bauru/SP. Essas ordenações já se apresentam diferentes, o que nos leva a questionar se as angústias delatadas nesta sessão ainda não podem se manifestar através de outras sutilezas, o que requer a continuidade dos estudos para averiguação.

3.5 Retorno e performance no Brasil

Quando indagada acerca de um possível retorno ao Brasil, Tiffany se mostrou receosa, pois o país ainda não se mostra receptivo às pessoas trans: “[...] *transexual no Brasil continua sendo visto como marginal, como pessoa ruim, e então eu fico um pouco com medo [...] A gente nunca sabe, o Brasil hoje, ele aceita todo mundo, amanhã ele já não aceita mais; a religião que tá tomando conta de tudo, e a religião, que tinha que pregar o amor, prega o ódio.*”

O receio da atleta encontra suporte em indicativos alarmantes sobre a violência a sujeitos LGBT no Brasil. Segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB, 2017), a associação de defesa dos homossexuais e transexuais do Brasil mais antiga, o país é recordista em crimes contra as minorias sexuais: “A cada 19 horas um LGBT é barbaramente assassinado ou se suicida vítima da ‘LGBTfobia’, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais” (p. 1).

No ano de 2017, por exemplo, foi registrado o maior número em 38 anos em que a instituição coleta e divulga estatísticas concernentes a crimes de ordem LGBTfóbica: “7445 LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) morreram no Brasil [...] vítimas da homotransfobia: 387 assassinatos e 58 suicídios” (p. 1). Admite-se que essas taxas possam ser muito maiores devido à ausência de estatísticas governamentais sobre crimes de ódio no Brasil, o que mascara inúmeros outros casos que não entram nessa contabilização.

Com a crescente participação da massa conservadora tanto na política quanto nas demais instâncias sociais brasileiras, muitos entraves parecem retardar os avanços e direitos conquistados pela comunidade LGBTQ ao longo dos anos, tais como: o Projeto de Decreto Legislativo 898/18, que busca impedir o uso de nomes sociais por alunos travestis e transexuais nos registros escolares do ensino básico; a retirada, pelo Ministério da Educação, dos termos “identidade de gênero” e “orientação sexual” da base curricular nacional; o corte, em 2017, dos repasses federais para programas específicos de defesa da comunidade LGBTQ, entre outros.

Todavia, singelas resistências ainda podem ser vislumbradas nesse cenário, como a elaboração de estratégias e organização de projetos de inclusão e promoção de direitos para sujeitos LGBTQs, bem como o reconhecimento do nome social na administração pública federal, que ainda aguarda aprovação na Câmara dos Deputados para se estender a todos e todas os/as cidadãos/ãs brasileiros/as. Ainda que representem parcela diminuta neste tocante, debater essas inquietações é refletir sobre um tipo de vida que pode ou que está sendo experienciada através do uso material e simbólico do corpo, conferindo respostas diferentes de inserção e permanência nas sociedades atuais em suas diversas instâncias (BUTLER, 2015a).

Mesmo o cenário não sendo dos melhores, Tiffany demonstrou-se animada com a possibilidade de atuar em terras brasileiras e afirma, entre risos: “[...] *se me pagar, eu vou linda!*”. No entanto, reconhece que só viria após sua completa transição e para atuar profissionalmente: “*Eu só pretendo voltar pro Brasil quando eu terminar toda a minha transformação ou se eu tiver que jogar.*”

A atleta ainda diz que não seria bem aceita pelas demais equipes e suas torcidas, mas que sua preocupação seria apenas com a equipe que lhe contrataria: “[...] *vai ser aquela mesma torcida de sempre, ‘é um macho, tira ele de dentro’ – vai entrar aqui e sair aqui [aponta de um ouvido à outro] – acha que eu vou me importar? Quem tá pagando meu salário no final do mês [...] não são eles. Eu não vou me importar.*”

Por fim, alega que a repercussão de seu caso seria uma quebra de paradigma social considerável: “*Nossa, vai ser uma coisa, assim, muito grande, eu vou ter que tá preparada, viu?*”, afirmando que essa quebra ocorreria de formas diferentes se atuasse no feminino ou masculino: no primeiro naipe não haveria tanto estranhamento porque o nível das demais jogadoras seria equivalente ao seu e ela seria reconhecida pelo seu talento; entretanto, no segundo, Tiffany chamaria mais atenção pelo seu corpo feminizado em meio a outros homens:

“[...] quando jogo com homem, eu chamo muito mais atenção do que jogar com a mulher. Com a mulher eu vou chamar atenção porque eu vou jogar vôlei bem, mas, pelo corpo, pela altura eu não vou chamar atenção nenhuma, porque vai ser tudo igual [...] Agora, você me ver dentro da quadra com o time do Botafogo masculino, você já vê: ‘Não, mas aquilo lá é uma mulher com homem’, entendeu?”

Em 2017 Tiffany terminou seu processo de resignificação, recebendo autorização da FIVB para atuar no voleibol feminino. Foi contratada pela equipe italiana *Golem Volley*, disputando a Série A2 da liga italiana. Após o término da competição, retornou ao Brasil e passou a integrar os treinos da equipe Vôlei Bauru/SP para reestabelecer-se fisicamente e recuperar-se de uma cirurgia na mão esquerda. Em 5 dezembro de 2017 foi oficialmente contratada pela equipe, e sua estreia ocorreu cinco dias após, dia 10, em partida válida pela Superliga 2017/2018 da elite do vôlei nacional, contra a equipe de São Caetano, que se sagrou vencedora do duelo por 3x2.

Muito se discute sobre a legitimidade de sua atuação, sendo os argumentos principais contra essa iniciativa centrados em uma suposta vantagem biológica e física que promoveria parâmetros injustos na competição. Sobre essas alegações, nas reportagens do programa *Esporte Espetacular* (2017; 2018) acerca de seu caso, Tiffany aponta que *“[...] o meu voleibol caiu muito. Eu era uma estrela do time, mas quando comecei com os hormônios, eu virei a pessoa mais fraca do time.”*

Segundo ela, os críticos que a enxergam como masculinizada ou dotada de atributos corporais muito superiores que as demais jogadoras, num suposto doping, *“[...] só vão saber que isso é diferente quando eles começarem um tratamento hormonal também, aí eles vão saber o quanto que é diferente realmente, porque se isso realmente fosse importante, se realmente fosse diferencial, não seria liberado, não seria estudado e não teria a utilização nem pelo COI, nem pelas federações, por nada.”*

“Sinceramente, se eu tivesse a força que eu tinha antes, se eu tivesse o voleibol que eu tinha antes, realmente eu não tinha coragem de estar aqui [atuando pelo Vôlei Bauru], porque eu ia machucar uma pessoa, mas hoje eu posso atacar o forte que for que eu não machuco ninguém do outro lado. Porque eu tenho a força de uma mulher forte, nada mais que isso, nada mais que isso. O resto meu é só talento.”

“Se algum dia eu não puder jogar vôlei, porque se alguma lei mudar, eu vou aceitar. E eu espero que as pessoas aceitem também enquanto a lei estiver...”

A participação de Tiffany tornou-se um marco histórico para o voleibol brasileiro, reacendendo polvorosamente as discussões sobre *queer* e transviados no esporte, desestabilizando de forma vigorosa as estruturas e premissas heteronormativas que permeiam esse fenômeno e concebendo novos horizontes e (re)significações das corporalidades nas práticas físicas e esportivas modernas.

4 Conclusão

A trajetória de Tiffany Abreu no esporte encontra-se intimamente ligada a fatores pessoais e sociais. O percurso traçado para alcançar o status de representatividade e prestígio que exerce hoje revela-se como não harmonioso, repleto de barreiras, obstáculos e relutações. Não fosse pela força de vontade e perfil ambicioso da atleta, aliados às oportunidades e condições necessárias para que se consolidasse, dificilmente estaríamos discutindo a participação efetiva de transexuais no alto rendimento esportivo do Brasil e quais os desdobramentos que são possibilitados a partir dessa conjectura.

A ascendência de Tiffany enquanto atleta trans no voleibol carrega consigo muitos processos recriminatórios e opressores, mas também de reconhecimento e legitimidade de sua corporalidade no espaço em questão. Mesmo que essa modalidade seja notadamente reconhecida como espaço de maior homossociabilidade e melhor absorção de manifestações desviadas da heteronormatividade (COELHO, 2009), esta ainda se encontra imersa no universo supremo do esporte, este muito resistente à subversão e reexaminação de seus valores clássicos, longitudinais e temporais.

A presença de homossexuais – uma parcela transviada – por si só já é provocativa, mas quando temos a insurgência de transexuais – outra parcela transviada –, as perturbações são ainda maiores, talvez pelo fato de que, nos primeiros, ainda possa se identificar certa linearidade entre o sexo e o gênero, relação exemplificada através da cisgeneridade e que, no caso dos/as transexuais, apresenta rupturas e ressignificações, tornando-se ainda mais emblemática, desafiadora e problematizadora no fenômeno do Esporte.

Dessa forma, mesmo no universo *queer* das corporalidades esportivas, é possível identificar novas postulações de poder, privilégios, disparidades, reconhecimentos, valorações e simbolismos que, ao que tudo indica, continuam legitimando sintomas da heteronormatividade compulsória através de classificações, certificações, territorializações, fronteiras e diferenças hierárquicas e de poder entre os próprios sujeitos transviados.

Convém ressaltar que, embora o caso de Tiffany possa ser aqui identificado e considerado como sofrível, porém superado, não negamos a multiplicidade de enredos que possam desenrolar-se na trajetória esportiva de atletas *queer* em variados âmbitos e cenários, vislumbrando incontáveis e infinitas outras possibilidades de concretização para além de romantizações forçadas de superação e autorrealização.

Sugerimos a continuidade de pesquisas e estudos referentes à temática em tela, uma vez que em uma época pós-moderna, o esporte, no formato em que ainda se apresenta, não abarca plenamente todos/as os/as participantes sociais de suas práticas. A partir disso, emerge o seguinte questionamento: a partir da década seguinte, e dos anos de 2020, será possível a manutenção da ordem classificatória e binária nas modalidades esportivas?

Referências

- ANDERSON, Eric. **In the game: gay athletes and the cult of masculinity**. New York: State University of New York, 2005.
- ANJOS, Luiza Aguiar. “Vôlei masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. **Movimento**, v. 21, n. 1, p. 11-24, jan./mar. 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, v. 70, 2011.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 549-559, mai./ago. 2011.
- BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. **Revista Florestan**, v. 1, n. 2, p. 32-48, nov. 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Notas etnográficas sobre vestiários e a erotização de espaços esportivos. **Revista Ártemis**, v. 17, n. 1, p. 61-75, jan./jun. 2014.
- CAMARGO, Wagner Xavier. O torcedor queer. **Ludopédio**. Sessão Arquibancada, 26 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/archibancada/o-torcedor-queer/>>. Acesso em: 12 mai. 2018.
- CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, n. 47, p. 191-225, jan./abr. 2017.
- COELHO, Juliana Affonso Gomes. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo (org.). **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.
- ESPORTE ESPETACULAR. **Jogadoras de vôlei que nasceram homens superam preconceitos e se estabelecem no esporte**. 09 de abril de 2017. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/5788637/>>. Acesso em 08 out. 2017.
- ESPORTE ESPETACULAR. **Polêmica na Superliga: primeira atleta transgênero do torneio divide opiniões no esporte**. 14 de janeiro de 2018. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/6421019/>>. Acesso em 16 jan. 2018.
- ESTADÃO. **COI muda regra e permite atletas transgêneros na Olimpíada**. 2016. Disponível em: < <http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,coi-muda-regra-e-permite-atletas-transgeneros-nas-olimpiadas,10000053822> >. Acesso em 18. dez. 2017.
- GRESPLAN, Carla Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. Fallon Fox: um corpo queer no octógono. **Movimento**, v. 20, n. 4, p.1265-1282, out./dez. 2014.
- GRIFFIN, Pat. Addressing concerns about LGBT athletes and coaches in the locker room. In: BIRCH-JONES, J. **Seeing the Invisible, speaking about the unspoken**. Vancouver: Canadian Association for the Advancement of Women and Sport and Physical Activity, 2011, p. 14-31.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, v.13, n. 2, p.171-196, mai./ago. 2007.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**. Campinas, p. 71-83, mar., 2010.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Pessoas LGBT mortas no Brasil**: relatório 2017. 2017. Disponível em: < <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf> >. Acesso em 17. jul. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Revista Sociologias**, v. 21, p. 150-182, 2009.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; PONTES, Vanessa Silva; RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos. Revelações dos fotógrafos esportivos brasileiros sobre relações de gênero. **Motricidade**, v. 11, n. 1, p. 126-134, mar. 2015.

ROSA, Rodrigo Braga do Couto. **Enunciações afetadas**: relações possíveis entre homofobia e esporte. 2010. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2010.

STAKE, Robert E. **Investigación con estudio de casos**. 2. ed. Madrid, Ediciones Morata, 1998.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: COURTINE, Jean-Jacques (Orgs.). **História da virilidade**: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI, v. 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 424-453.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. O positivismo; a fenomenologia; o marxismo. Atlas, 2015.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: COURTINE, Jean-Jacques (Orgs.). **História da virilidade**: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI, v. 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 269-301.

WARNER, Michael. **Fear of a queer planet**: queer politics and social theory. Minnesota: Minnesota Press, 1993.

Artigo recebido em: 27/07/2018

Artigo aceito para publicação em: 18/09/2018